

turvo turvo  
 a turva  
 mão do sopro  
 contra o muro  
 escuro  
 menos menos  
 menos que escuro  
 menos que mole e duro menos que fosso e muro: menos que furo  
 escuro  
 mais que escuro:  
 claro  
 como água? como pluma? claro mais que claro claro: coisa alguma  
 e tudo  
 (ou quase)  
 um bicho que o universo fabrica e vem sonhando desde as entranhas  
 azul  
 era o gato  
 azul  
 era o galo  
 azul  
 o cavalo  
 azul  
 teu cu

tua gengiva igual a tua bocetinha que parecia sorrir entre as folhas de  
 banana entre os cheiros de flor e bosta de porco aberta como uma boca  
 do corpo (não como a tua boca de palavras) como uma entrada para  
 eu não sabia tu  
 não sabias  
 fazer girar a vida  
 com seu montão de estrelas e oceano  
 entrando-nos em ti  
 bela bela  
 mais que bela  
 mas como era o nome dela?  
 Não era Helena nem Vera  
 nem Nara nem Gabriela  
 nem Tereza nem Maria  
 Seu nome seu nome era...  
 Perdeu-se na carne fria  
 perdeu-se na confusão de tanta noite e tanto dia  
 perdeu-se na profusão das coisas acontecidas  
 constelações de alfabeto  
 noites escritas a giz  
 pastilhas de aniversário  
 domingos de futebol  
 enterros corsos comícios  
 roleta bilhar baralho  
 mudou de cara e cabelos mudou de olhos e risos mudou de casa  
 e de tempo: mas está comigo está  
 perdido comigo  
 teu nome  
 em alguma gaveta

Que importa um nome a esta hora do anoitecer em São Luís  
 do Maranhão à mesa do jantar sob uma luz de febre entre irmãos  
 e pais dentro de um enigma?

| **O LIVRO** |

Entre 1971 e 1977 Ferreira Gullar foi exilado político em Moscovo, Santiago do Chile, Lima e Buenos Aires. "Poema Sujo" data desse período, mais concretamente, de 1976. Quando foi publicado este texto, com mais de 60 páginas, recebeu de Vinicius de Moraes (que gravou o primeiro recital público do poema, em Buenos Aires) um elogio que se tornou célebre, considerando-o "o mais importante poema escrito em qualquer língua nas últimas décadas". Referências ao corpo, à opressão, à distância do exílio e outras contingências, confluem neste texto, constituindo uma das referências essenciais da obra do seu autor. Em Setembro, a Ulisseia editará "Em Alguma Parte Alguma", novo livro de Ferreira Gullar (primeiro desde 1999), lançado em simultâneo com a edição brasileira.

POEMA SUJO  
**Ferreira Gullar**

ULISSEIA

mas que importa um nome  
 debaixo deste teto de telhas encardidas vigas à mostra entre  
 cadeiras e mesa entre uma cristaleira e um armário diante de  
 garfos e facas e pratos de louças que se quebraram já  
 um prato de louça ordinária não dura tanto  
 e as facas se perdem e os garfos  
 se perdem pela vida caem  
 pelas falhas do assoalho e vão conviver com ratos  
 e baratas ou enferrujam no quintal esquecidos entre os pés de  
 erva-cidreira  
 e as grossas orelhas de hortelã  
 quanta coisa se perde  
 nesta vida

Como se perdeu o que eles falavam ali  
 mastigando  
 misturando feijão com farinha e nacos de carne assada  
 e diziam coisas tão reais como a toalha bordada  
 ou a tosse da tia no quarto  
 e o clarão do sol morrendo na platibanda em frente à nossa  
 janela  
 tão reais que  
 se apagaram para sempre  
 Ou não?

Não sei de que tecido é feita minha carne e essa vertigem  
 que me arrasta por avenidas e vaginas entre cheiros de gás  
 e mijo a me consumir como um facho-corpo sem chama,  
 ou dentro de um ônibus  
 ou no bojo de um Boeing 707 acima do Atlântico  
 acima do arco-íris  
 perfeitamente fora  
 do rigor cronológico  
 sonhando

Garfos enferrujados facas cegas cadeiras furadas mesas gastas  
 balcões de quitanda pedras da Rua da Alegria beirais de casas  
 cobertos de limo muros de musgos palavras ditas à mesa do  
 jantar,

voais comigo  
 sobre continentes e mares



#### | O AUTOR |

Ferreira Gullar, (n. São Luís, Brasil, 1930), pseudónimo de José Ribamar Ferreira, é o mais recente prémio Camões. A sua actividade estende-se pela poesia, crítica de arte, biografia literária, tradução e ensaio. É um dos fundadores do neoconcretismo. O seu primeiro livro, "Um pouco acima do chão", data de 1949. Um ano depois, venceu um concurso de poesia com seu poema "O Galo". Mais tarde, os prémios Molière e Saci, com "Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come", peça considerada uma obra prima do teatro moderno brasileiro. Em 2002, foi indicado por nove professores dos EUA, Brasil e Portugal para o Prémio Nobel da Literatura. Em Portugal, conta com dois livros publicados ("Obra Poética" e o livro para a infância "Um gato Chamado Gatinho").